

UM DIÁLOGO OUTRO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS, SUBJETIVIDADES, INTERFACES E MEDIAÇÕES

Another dialogue in teacher training: experiences, subjectivities, interfaces and mediations

Amilton Alves de Souza
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Antonio Amorim
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil

Neide Maria Ferreira Lopes
Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Brasil

Informações do artigo

Recebido em 16/10/2022

Aceito em 16/11/2022

doi: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022.n256.p419-439>



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Como ser citado (modelo ABNT)

SOUZA, Amilton Alves de; AMORIM, Antonio; LOPES, Neide Maria Ferreira. Um diálogo outro na formação dos professores: experiências, subjetividades, interfaces e mediações. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 47, n. 256, p. 419-439, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2022.n256.p419-439>

Resumo

Este artigo trata de um diálogo outro na formação dos professores: experiências, subjetividades, interfaces e mediações. Neste intuito, propõe como objetivo geral: analisar de que maneira as experiências de si contribuem na formação docente continuada. E como objetivos específicos: (I) identificar as percepções docentes sobre as experiências de si e a subjetividade; (II) perceber que tipos de experiências são construídas na sala de aula tendo as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como interface; (III) refletir epistemologicamente sobre as experiências de si, subjetividade e formação docente, a partir das experiências da escola na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). O problema investigado partiu da questão “Como pensar a formação docente continuada, a partir da experiência de si?” A metodologia foi pautada na abordagem qualitativa, e como instrumento para coleta de dados foi adotado o questionário *online*, o qual contemplou questões sobre a formação docente, subjetividades e tecnologias, a fim de estabelecer uma relação entre formação docente e as experiências. A triangulação das informações foi representada por tabelas e descrição das vozes dos sujeitos. Concluiu-se que a pesquisa abre novas possibilidades sobre a formação docente continuada significativa, imprimindo outros sentidos das aprendizagens e saberes, a partir da prática, apropriando-se por meio da experiência de si e de princípios dialógicos, a reflexividade crítica e o encontro com o outro.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos. Experiência. Formação Docente Continuada. Subjetividade.

Abstract

This article deals with another dialogue in teacher education: experiences, subjectivities, interfaces and mediations. For this, it proposes as a general objective: To analyze how self-experiences contribute to continuing teacher education. And as specific objectives: (I) Identify teachers' perceptions about self-experiences and subjectivity; (II) Realize what types of experiences are built in the classroom with Information and Communication Technologies (ICTs) as an interface; (III) Reflect epistemologically on the experiences of the self, subjectivity and teacher training, from the school experiences in the Youth and Adult Education (YAE) modality. The problem investigated started with the question: How to think about continuing teacher education, based on the experience of oneself? The methodology was based on a qualitative approach, and as an instrument for data survey, the online questionnaire was adopted, which included questions about teacher training, subjectivities and technologies, in order to establish a relationship between teacher training and experiences. The triangulation of information was represented by tables, and the description of the subjects' voices. It was concluded that the research opens up new possibilities for significant continuing teacher education, impressing other meanings of learning and knowledge, based on practice, appropriating through the experience of oneself and dialogic principles, critical reflexivity and the encounter with the Other.

Keywords: Youth and Adult Education. Experience. Continuing Teacher Training. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

O presente estudo surge, a partir das leituras e das experiências de formação docente continuada no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), que foram vivenciadas pelos professores que lecionam na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no município de Araçás, bem como por nós enquanto pesquisadores de Tecnologias da informação e comunicação, subjetividades, formação docente durante o curso da disciplina Formação Docente e Docência Online: Subjetividade, Interfaces e Mediação, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC).

As nossas experiências formativas durante o planejamento com os professores na escola e as leituras/discussões realizadas no âmbito da formação docente, além das experiências dos demais colegas durante as aulas do Programa de Pós-Graduação, entrelaçados com as discussões e com as suas práticas docentes contribuíram com o desejo de realizar uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, mas com discussão teórica sobre experiência, formação docente, subjetividade e TIC, juntando com as experiências dos docentes do município de Araçás-Ba, que lecionam na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

O problema que foi investigado apresenta o seguinte questionamento: Como pensar a formação docente continuada, a partir da experiência de si? Ele nasce das nossas inquietações durante os espaços e os tempos formativos docentes que ocorrem semanalmente, no âmbito da escola. Durante as nossas formações ficávamos a indagar como as nossas experiências na sala de aula nos ajudavam na formação e na reflexão da melhoria da nossa prática docente. Tivemos sempre as temáticas de formação docente na EJA como preocupação, a exemplo de: sujeito, subjetividade e modos de subjetivação e experiências, subjetividades, interfaces e mediações.

Por isso, nesse contexto investigativo, propomos como objetivo geral: analisar como as experiências de si contribuem na formação docente continuada. Propomos como objetivos específicos: identificar as percepções docentes sobre as experiências de si e a subjetividade; perceber que tipos de experiências são construídas na sala de aula tendo as Tecnologias da informação e comunicação como interface; refletir epistemologicamente

sobre as experiências si, subjetividade, difusão do conhecimento e formação docente, a partir das experiências da escola na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

Para a realização da pesquisa, utilizamos um questionário on-line, que foi elaborado no programa de formulários do Google (https://www.google.com/forms/about/?usp=about_products), com objetivo de levantar algumas reflexões sobre a temática. A pesquisa de campo aconteceu com os professores do Colégio Municipal Milton Santos, que lecionam na modalidade EJA, na Cidade de Araçás-Bahia, no período de 10 a 30 de agosto de 2022.

A pesquisa foi experienciada em três fases: a primeira, em leituras e revisão de fontes bibliográficas. A segunda fase consistiu na elaboração do questionário *on-line*, com o envio do *link* aos professores para que os mesmos respondessem, a fim de dinamizar e otimizar o tempo. A terceira foi dedicada à análise e a interpretação das informações com base na estratégia analítica geral descritiva.

Compreendemos a formação docente continuada como sendo uma formação que contribui para ressignificar os saberes docentes, a fim de que se possa construir novas experiências formativas. Neste sentido, entendemos que a escola precisa fazer dois exercícios, sendo o primeiro de reconhecer as experiências, que são vivenciadas fora e dentro da sala de aula, também como sendo formativas e o segundo garantir espaços formativos no âmbito da escola que possibilitem aos docentes a refletirem sua prática e ressignificá-las.

FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA E TIC NA EJA

É preciso deixar claro que não é nosso objetivo e nem buscamos nesta seção esgotar nenhuma discussão acerca das temáticas aqui tratadas, pois diversos autores já trataram dos conceitos que abordamos, muito bem, e tem nos dado informações fundantes para compreensão dos mesmos. Aqui discutiremos as concepções e significados da Educação de Jovens e Adultos. Logo, nossa tarefa aqui foi de apresentar uma discussão que nos ajudasse a compreender melhor os sentidos e significados da formação, Educação de Jovens e Adultos e TICs.

Vale ressaltar que a nossa pesquisa e discussão teórica teve como sujeitos os docentes da modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Neste sentido, iniciamos a discussão teórica com a compreensão e significado desta modalidade.

A Educação de Jovens e Adultos pode ser compreendida como sendo constituída de práticas educativas que reconhecem e validam os saberes e as experiências dos homens e das mulheres do meio e da luta popular, que por questões históricas, culturais e sociais tiveram seus direitos à educação negados em algum momento das suas vidas, tendo como movimento essencial neste processo educativo, a dialética tomada de conscientização política e a criticidade do que se ensina e aprende nas práticas educativas.

É preciso demarcar que a Educação de Jovens e Adultos como aquela que é forjada nos movimentos e nas práticas da Educação Popular, fruto das lutas históricas por justiça, educação para todos e de qualidade, emprego, saneamento básico, políticas públicas de saúde, melhoria de vida no campo, a luta pela terra, tendo a Teologia da Libertação, pastorais da igreja católica e as comunidades eclesiais de bases como fundantes na concepção das práticas e dos movimentos da Educação Popular.

Deste modo, essas experiências e movimentos sociais degustamos como sendo instrumentos de lutas dos mais pobres, marginalizados, negros, camponeses, analfabetos, mulheres e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBT) que aprenderam na negação de direitos a lutar por direitos e melhoria para seu povo. Tendo sempre os seus movimentos, organização, processos educativos, elementos fundantes para a busca da conscientização e do empoderamento da compreensão do seu lugar e da busca por mudanças, neste sentido temos aí o que denominamos de essência da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Assim, entendemos que a Educação de Jovens e Adultos também pode ser aqui compreendida como sendo uma etapa do ensino formal e permanente, bem como uma etapa da educação não formal, enfim, toda uma gama de oportunidade ocasional existente em uma sociedade educativa, que é multicultural e que vive a experiência das Tecnologias da informação e comunicação, na qual se reconhecem os enfoques teóricos em uma concepção de forma dialógica e humana.

A formação é entendida a partir das leituras em Dantas (2008; 2012) e Tardif (2002) como experiências da reflexão entre o que se aprende e o que se ensina. Ou seja, reflexão da prática e ação na prática da reflexão anterior.

Acreditamos ser a formação docente um processo continuado, uma experimentação refletida da experiência formativa que é vivenciada na sala de aula. Mas isso é possível? Sim, às vezes as trocas de experiências/saberes acontecem até sem planejamento, nas trocas dos docentes nos corredores da escola, durante o descanso do recreio ou até mesmo entre uma aula e outra. Por isso, Tardif et al. (1991) é fundante quando defende que,

[...] quanto mais um saber é desenvolvido, formalizado, sistematizado, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais se revela longo e complexo o processo de aprendizagem que exige, por sua vez, uma formalização e uma sistematização adequada (p. 219).

Os autores evidenciam o quanto é complexo o exercício da docência, pois, a relação entre as experiências, os saberes e a prática, diante da pluralidade e da diversidade de quem ensina e aprende. Mesmo os saberes já sistematizados requerem um cuidado da prática, por ainda revelar-se com tamanha amplitude e complexidade. Temos a clareza que os saberes e as experiências não sistematizados e formalizados são válidos e devem ocupar na formação um lugar de destaque, pois é na dialogicidade, na troca, na escuta sensível, além da reflexão que o sujeito exercita a práxis, bem como tempo/espaço formativo a ser garantido, a fim de que aprendizagem seja de sentido e de significado para quem ensina e para quem aprende.

Não podemos deixar de ressaltar o sentido que Nóvoa (1997) dá ao processo de formação docente:

[...] não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas) mas, sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de re (construção) permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (p. 25).

É importante entendermos que a formação docente terá sempre sentido, quando do mesmo modo conseguir ressignificar as experiências e por sua vez a identidade docente. A formação é inerente ao ser humano, assim como a aprendizagem. Defendemos a tese de que estamos sendo formados a todo instante. Já a formação docente continuada está vinculada, diretamente, com o fazer pedagógico e se sistematiza quando é experienciada por meio de orientação, registros e resultados diretos com a formação recebida.

Na Educação de Jovens e Adultos, a formação dos professores requer alguns princípios fundantes, a fim de que garantam uma identidade profissional vinculada com os seus sujeitos e com as suas necessidades. Os princípios são: validação e reconhecimento dos saberes, diálogo, reflexão, autonomia e pesquisa. A sala de aula e os momentos de planejamento pedagógico são laboratórios fundamentais para a experimentação dos princípios e, como consequência, da importante contribuição da identidade profissional de quem trabalha com essa modalidade de ensino.

Segundo Imbernón (2001, p. 48-49):

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc. realizando um processo constante de auto avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes.

O autor nos faz perceber que nós docentes somos os autores e coautores do nosso processo formativo e reflexivo da prática. É a reflexão que nos permitirá repensar e ressignificar os saberes formativos, que são construídos na formação inicial e na experiência do dia a dia da sala de aula, além do pensar coletivo. É preciso compreender que, o que está em processo formativo não significa está em um espaço para adquirir conhecimentos teóricos, mas a reflexão docente das nossas experiências da sala de aula tem contribuído para repensarmos alguns caminhos e ressignificar saberes construídos anteriormente, e com isso vamos nos constituindo como uma identidade histórica profissional mais reflexiva crítica.

É fundante pensar que a formação continuada precisa ser experienciada na coletividade, pois neste sentido, temos a possibilidade do ponto de vista social e cultural de construir tempos e espaços riquíssimos na troca de experiências e de aprendizagens significativas, podendo aprender juntos, pois, como Paulo Freire entendemos que:

[...] nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções [...] (FREIRE, 1999, p. 51).

Logo, uma formação docente continuada que carrega em sua essência o sentido do coletivo e da reflexão possibilita uma formação que rompe com modelos cartesianos, individualistas e impositivos, com isso podendo construir um processo circular e dialógico, ao invés de horizontal e de escuta. Com isso, acreditamos ser possível efetivar uma experiência

que possa repensar o currículo, ressignificando o modelo de escola, tempo/espaço da formação dos nossos alunos, construindo outras possibilidades para que o professor possa se sentir autor e coautor do fazer pedagógico, criando um sentimento de pertencimento. Portanto, “[...] não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores”. (NÓVOA, 2000, p. 9).

Defendemos aqui alguns princípios da formação docente continuada a ser experienciada no âmbito da escola: círculos de diálogos coletivos, troca de experiências, reflexão da prática, escuta sensível, autonomia formativa, diários de saberes (registros da memória).

Os professores precisam construir juntos uma formação continuada que possa dar conta de refletir as demandas sociais da contemporaneidade, sendo uma delas os avanços tecnológicos na escola e na sala de aula, entendendo que não temos como recuar destas interfaces, pois, entendemos que não são somente as máquinas, informáticas, robôs, laboratórios, mas o próprio pensamento humano que precisa estar presente na sala de aula. Isto porque a tecnologia está além das interfaces.

A tecnologia precisa ser entendida para além da máquina, mas como sendo um instrumento da relação de interação entre o sujeito e as mudanças, gerando a possibilidade de ressignificação da prática social. Compreendemos que as tecnologias sozinhas não mudarão, de forma alguma, a maneira como se ensina ou como se aprende. Não basta apenas o uso do computador e da internet na escola. Para Pretto (2008, p. 81):

A presença de tecnologias mais simples, como os livros impressos, ou de outras mais avançadas, como os computadores em rede, produzindo novas realidades, exige o estabelecimento de novas conexões que as situem diante dos complexos problemas enfrentados pela educação, sob o risco de que os investimentos não se traduzam em alterações significativas das questões estruturais da educação.

Não basta ter tecnologias, mas saber como daremos conta de usá-las para ressignificar quem ensina e quem aprende. Com a diversidade de informações é preciso que a construção e a reconstrução do conhecimento deem conta de um conjunto de atos e de ações que são trazidos para dentro da escola, onde as tecnologias precisam ser usadas para esta finalidade da ação humana. As tecnologias da informação e comunicação são experimentadas como sendo um fenômeno basicamente contemporâneo, amplamente utilizado em nossa sociedade.

Dessa forma, observamos que os questionários respondidos pelos professores no quesito conceito de TICs apresentaram um conceito ingênuo e vinculado às Tecnologias da Informação e Comunicação, aos aparatos tecnológicos, o que permite dizer que a escola precisa contribuir na ressignificação destes saberes sobre TICs, passando do senso comum para uma compreensão científica. Vejamos o que disseram os docentes:

Quadro 01 – Respostas dos docentes sobre TICs.

Como você compreende o conceito de Tecnologias da Informação e Comunicação?	Respostas
	P.1- Muito distante do conceito a que se destina. É preciso aprender e valorizar os fins.
	P.2- Pode ser definida como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum.
	P.3- É um meio moderno técnico que se trata as informações em mundo contemporâneo que inclui computadores, redes etc.
	P.4- Atualização dos conhecimentos
	P.5- A TIC pode ser compreendida como um conjunto de recursos tecnológicos e utilizados de forma integradora com um objetivo comum.
	P.6- Ferramenta importante para diversas áreas da sociedade atual.
	P.7- Correspondem a todas as tecnologias modernas para auxiliar na comunicação como computadores, celulares e internet, ou seja, são recursos tecnológicos.
	P.8- Como Milton Santos: a tecnologia, informação e a comunicação traz a desigualdade entre os mais abastados e os narcisos.
	P.9- Como uma expressão que se refere ao papel da comunicação na moderna tecnologia da informação.
	P. 10- Necessária na prática didática. Fundamental para o processo ensino/aprendizagem. É tudo aquilo que usamos em mídias na nossa prática.
	P. 11- Ferramentas que potencializam a informação e a comunicação.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base na coleta de informações da pesquisa de campo, em 2022.

Pelas colocações dos professores, precisamos entender que as TICs possibilitam o acesso a novos sentidos de aprendizagem, a fim de ressignificar as ideias, organizar o pensamento e uma nova construção dos diferentes saberes. Logo, precisamos entender que: “[...] ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção” (FREIRE, 1999b, p. 25). Deste modo, a sociedade precisa de cidadãos pensantes, reflexivos e críticos com relação aos acontecimentos cotidianos que vêm passando por metamorfoses a cada dia.

Para que isso aconteça é preciso que a escola veja o homem como sendo um sujeito pensante, capaz de criar, recriar e refletir sobre suas relações, e não como um simples objeto que introduz e reproduz o que lhe é ensinado. Mas, consideramos que, para tanto é determinante que a escola possa construir tempo e espaço, não só no currículo, mas no dia a

dia da escola, para a formação docente ser contínua, no intuito de que possa ser um momento de valorização da práxis significativa.

As informações reveladas pelos professores ainda demonstram um outro movimento importante na compreensão da tecnologia, que são as mídias digitais e a sua chegada à sala de aula. Elas demarcam, politicamente, o processo inicial da inclusão das tecnologias no espaço escolar, além dos sujeitos reconhecerem que a escola sozinha não dá mais conta do ensino e da aprendizagem. E nem pode continuar negando toda essa dinâmica de mudanças que a nossa sociedade contemporânea tem experimentado, de forma acelerada e de como as pessoas lidam com as informações, as comunicações e os avanços tecnológicos. Isto porque percebemos que: “[...] nas últimas décadas, tem havido uma constatação constante de que estamos atravessando um período de mudanças particularmente rápidas e intensas” (SANTAELLA, 2008, p. 17).

Por isso, consideramos ser fundamental ressignificar a compreensão de tecnologia por meio do pensamento filosófico, antropológico e histórico, racionalizando a ideia de que a tecnologia é na verdade a própria condição humana, pois, defendemos que ela surge para atender à necessidade humana, a exemplo do fogo, vestimentas, habitação, trabalho, agricultura, papel, giz e o computador. Assim, é necessário compreender a tecnologia, a partir deste pensamento, ele é elementar, pois deixamos a ideia vazia de que somos exclusivamente usuários da tecnologia. É preciso entender que somos coautores das tecnologias, estamos imbricados em uma relação de poder e de necessidade, sendo assim, estamos em um caminho cultural e histórico entrelaçados.

Gráfico 01 – TICs e formação docente



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base na coleta de informações da pesquisa de campo, em 2022.

O gráfico acima deixa evidente a importância das TICs na formação docente e por consequência, na prática docente. Percebemos com as informações geradas, a percepção dos tipos de experiências construídas na sala de aula tendo as TICs como interface. Elas são as mais diversas: círculo de leitura, leitura compartilhada, texto coletivo, debate pelas redes sociais, envio de mensagens, pesquisa no celular, produção e valorização artística por meio do dispositivo móvel, etc. São essas informações geradas pelos professores em resposta aos dados destacados acima.

Diante do exposto, vale salientar que um dos maiores desafios dos educadores da Educação de Jovens e Adultos, frente às Tecnologias da Informação e Comunicação, tem sido o de se apropriar das tecnologias, a fim de possibilitar um novo sentido para aprendizagem e que contribua para a melhoria e a qualidade do ensino. Além de fomentar a reflexão do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, só terão sentido para os docentes da EJA, se as TICs contribuírem para as suas vidas profissionais, ajudando primeiramente na construção de experiências e de práticas educativas, no intuito de que possam ser ressignificadas, a partir de si durante a formação na escola.

SUJEITO, SUBJETIVIDADE E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

O texto de Mansano (2009) coloca todos nós diante de um grande desafio, que é o de pensar na contemporaneidade o sujeito, a subjetividade e os modos de subjetivação. A

autora se inspira em Foucault, Guattari e Deleuze, a fim de refletir os encontros e os desencontros no intuito de perceber em que espaço e tempo o sujeito se localiza.

Compreender o conceito de subjetividade vai perpassar pela necessidade de entender, a partir de Mansano (2009), que para Guattari a subjetividade não está acabada e que tão pouco está focalizada no centro do sujeito, mas, ela se constrói constantemente na relação entre o meio, os sujeitos e entre si, pois esse outro sujeito pode ser a relação que se tem consigo mesmo, como mecanismo de sobrevivência em sociedade.

Logo, para a autora os elementos que constituem a subjetividade se constroem e estão em/na sociedade, lugar de experiência e de vivência dos sujeitos. Entendemos que, neste momento, os elementos vão sendo construídos nesta relação entre o sujeito e a sociedade, e ganha densidade no campo social.

Ainda na composição do campo social, outros elementos que compõem a subjetividade, a exemplo dos sentidos, desejos, princípios, pensamento etc., vão se agrupando de forma singular e se materializando e se constituindo durante as experiências da relação do sujeito. Deste modo, os sujeitos durante suas vivências vão tanto dando quanto recebendo elementos desta composição, a fim de atingir uma construção no âmbito coletivo.

Mansano (2009) aborda que, quando Foucault, ao tratar dos modos de subjetivação do “Sujeito e Poder”, ele torna evidente que tinha como objetivo dizer como os sujeitos através dos mais diferentes modos de subjetivação vão se tornando sujeito, a partir da sua própria cultura, mas principalmente do interior dela.

A autora ainda em seu texto ressalta que Foucault define o “Cuidado de Si” como sendo um querer do sujeito, que é fruto do desejo. Tendo optado por cuidar de si, poderia optar por ser um ser público, e por sequência poderia cuidar do outro.

Neste sentido, Mansano afirma que “[...] os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, sendo que estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização sociais distintas e, cabe insistir, mutantes” (2009, p. 114).

A partir da leitura em Mansano (2009), ficou mais compreensível entender que Foucault salienta que os modos de subjetivação vão deixando de ser uma escolha do sujeito e vai passando a ser imposto pelo coletivo. Essa construção vai sendo moldada de acordo com cada sociedade a depender do seu tempo e espaço.

Mansano se baseia nos estudos de Deleuze para afirmar que o “[...] sujeito se constitui no dado” (2009, p.115). Portanto, o sujeito na experiência consigo e com o outro, se percebe inquieto com os seus questionamentos aflorados, a fim de entender quem é ele, como se constrói e como essas relações contribuem para sua construção. Esses questionamentos criam inquietações, frustrações e conflitos no sujeito, que o faz sair da condição inicial para ir se constituindo, por meio de forças externas que podem ser o meio e o outro.

No quadro a seguir tratamos de analisar as experiências que os docentes têm com o conceito de subjetividade. Na sua grande maioria, os professores relacionam subjetividade com o próprio sujeito e as suas experiências. Uma definição muito próxima do que pensa Mansano (2009) onde diz que a subjetividade se constrói e está em/na sociedade, lugar de experiência e de vivência dos sujeitos, pois, neste momento os elementos vão sendo construídos nessa relação entre sujeito e sociedade.

Quadro 02 – Conceito de subjetividade

Como você compreende o conceito de subjetividade?	Respostas
	P.1- O conselho escolar tem essa conotação. Uma incerteza e julgamento que dificilmente se afasta do próprio egoísmo de cada docente. A subjetividade é algo que transcorre pela linha daquilo que nos agrada mais ou alguém. A objetivação não perdoa nada.
	P.2- É a visão própria de cada ser humano e advém das próprias experiências de vida, das suas crenças e valores.
	P.3- Algo que varia de acordo com seu julgamento, cada um interpreta diante do fato do sentimento do respeito etc.
	P.4- Quer dizer algo que diz respeito à própria pessoa.
	P.5- O conceito de subjetividade é muito amplo e varia de acordo com o julgamento de cada indivíduo.
	P.6- Próprio de cada pessoa.
	P.7- Sujeito que reflete sobre algo.
	P.8- É a construção de valores e crenças de cada indivíduo.
	P.9- Como somos sujeitos individuais somos dotados de conceitos próprios. Todavia eles emitem opinião formada em seu caráter, esta nada mais é que seu entendimento sobre o que se discute.
	P. 10- Como o espaço íntimo do indivíduo.
	P. 11- Subjetividade é a principal característica do pensamento humano. Cada um entende algo ou olha a vida de uma maneira única.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base na coleta de informações da pesquisa de campo, em 2022.

Muito chamou a nossa atenção quando o professor de nº 10 disse que a subjetividade é o “[...] espaço íntimo do indivíduo”, ou seja, é o próprio sujeito na experiência da relação consigo. Neste sentido, Larrosa (1994, 53) defende a: “[...] subjetividade como uma história

Quadro 03 – Experiências e contribuições na prática docente

Como as suas experiências podem contribuir com a sua prática docente?	Respostas
	P.1- Melhorando e aprimorando resultados futuros.
	P.2- Dialogando com todos os envolvidos no processo.
	P.3- Um novo olhar na prática que está inserida em um processo reflexivo e contínuo.
	P.4- Cada oportunidade dada é uma forma de praticar o que se aprende, adequando- as ao espaço de trabalho.
	P.5- Educar para uma sociedade inclusiva é comprometer -se com a disseminação de novos paradigmas em relação a inclusão de pessoas que tiveram seus direitos negados e entendermos que só através da democratização da informação e da desconstrução de preconceitos relativos à educação inclusiva que contribua de forma eficaz para a importância de se repensar a educação como direito de cada indivíduo.
	P.6- Elas servem de exemplos e modelos a partir das quais pode-se enriquecer a prática docente.
	P.7- Promovendo discussões, mudança de postura, possibilidades e por que não motivação!?
	P.8- O mundo é uma mensagem, quando assimilada, contribui muito para a nossa prática. Ao passo que nossa cultura se transforma. Vemos o mundo em um novo olhar.
	P.9- Como uma ferramenta que vai dá norte para os novos professores.
	P. 10- Quando o seu currículo é tão pleno que enriquece uma aula.
	P. 11- Ressignificando sempre minhas práticas pedagógicas com a realidade de cada turma.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base na coleta de informações da pesquisa de campo, em 2022.

Os professores ressaltam a relevância de se ter um novo olhar para a prática docente, sendo necessário que ela sirva de modelo para o desenvolvimento formativo tanto do aluno quanto do professor. É no contexto das práticas docentes que ocorre a resignificação formativa, sendo necessário ampliar os horizontes da escola para que a sala de aula seja acima de tudo um espaço de colaboração e de formação de si.

Quadro 04 – Experiências e contribuições na difusão do conhecimento.

Como as suas experiências enquanto sujeito social, cultural e histórico podem contribuir com a sua formação?	Respostas
	P.1- O Ser profissional só se realiza quando desafiado. Mostra e discute, investiga e pesquisa as melhores ações de sua prática docente. Mesmo que muitas delas ainda não obtenham um resultado esperado. A parcialidade é o caos da educação.
	P.2- Participando de cursos enriqueçam a prática docente.
	P.3- Algo que está presente na vida do ser humano desde as antiguidades até os dias atuais Confrontando-as com as mesmas
	P.4- No que tange à educação, os conhecimentos advindos da ciência, do desenvolvimento tem favorecido uma ampla reflexão sobre o que pode melhorar no sistema educacional.
	P.5- Partindo desse pressuposto, posso contribuir com programas de intervenção em sala de aula.
	P.6- Acompanhando, analisando e tentando colocar em prática as transformações que acontecem no nosso dia a dia e no mundo.
	P.7- Elas servem de subsídios para uma melhor formação
	P.8- Pode contribuir de forma reflexiva, ressaltando surpresas, desafios, acontecimentos e algumas dificuldades.
	P.9- O advento da informação acelerada, cujo caráter é contribuir com a formação do docente sendo este sujeito social, vivendo significados e revendo teses.
	P. 10- Quanto mais conhecimentos tiver um educador, mais rica será sua prática junto aos seus alunos.
	P. 11- Resignificando sempre minhas práticas pedagógicas com a realidade de cada turma.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores com base na coleta de informações da pesquisa de campo, em 2022.

Observamos que no quadro 04, os professores revelam a importância do conhecimento em suas vidas profissionais. Por isso, para Dantas (2008, p. 126):

Os saberes da experiência são também aqueles que os/as professores/as produzem na sua prática cotidiana, num processo permanente de reflexão sobre sua práxis a partir dos seus valores, dos seus ideais, de sua história de vida, de suas representações sobre o mundo, a educação, o conhecimento, etc.

Assim, constatamos que as experiências, segundo os professores, possibilitam a construção de outros sentidos, colaboram para que ocorra a melhoria da prática e ressignificam e contribuem para a formação continuada, permitindo melhorar o ensino e a aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Isso tudo potencializa o papel contemporâneo da escola, que precisa inovar as suas práticas no mundo atual (AMORIM, 2020).

Dessa forma, os próprios professores defendem com segurança que, quanto mais conhecimento eles tiverem, com segurança, desenvolverão melhores processos formativos para si e para os alunos.

EXPERIÊNCIAS, SUBJETIVIDADES, INTERFACES E FORMAÇÃO: UM OLHAR NAS INFORMAÇÕES COLETADAS ENTRE OS DOCENTES

Aqui continuaremos a analisar as informações coletadas por meio dos questionários *on-line*, que foram preenchidos pelos professores, tendo como temáticas: a formação docente, TICs, subjetividade e Educação de Jovens e Adultos. A retomada dos conceitos de formação, formação docente e formação continuada são basilares para as análises que faremos aqui, e eles aparecem no sentido de sustentar a compreensão das respostas dos sujeitos questionados.

A formação aqui é compreendida como sentido dado com as informações recebidas dentro ou fora de um espaço formativo e as experiências culturais e históricas dos sujeitos.

Para Dantas (2008, p. 122) que bebeu na fonte Freiriana revela defende que a formação como sendo “[...] um fazer que se refaz constantemente na ação, nunca se dá por mera acumulação, é uma conquista mediante muitas ajudas, dos professores, dos livros, das aulas, dos computadores, das trocas entre colegas, da experiência refletida”.

Desse modo, quando perguntamos aos professores: Em sua opinião a “formação” pode ser compreendida como? A maioria atrelou a formação a conhecimento sistematizado, sem levar em conta que a formação são experiências e saberes que dão sentido às informações recebidas ao longo das suas vivências sociais, culturais e históricas. Vejamos as respostas dos docentes que aqui serão denominados de da letra P seguido do numeral e do ano da coleta das informações, o anonimato serve para preservar os participantes da pesquisa:

- Amadurecimento profissional e esclarecimento e prática didática (P.1, 2022).
- É o conhecimento adquirido pelo cidadão durante toda vida. Ao longo da vida (P.2, 2022).
- É o conhecimento que nós aprendemos durante toda a vida, é evidente. Desde nossos primeiros passos e desde nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada etc. (P.3, 2022).
- Um complemento para atualizar os conhecimentos do profissional em educação (P.4, 2022).
- A formação deve ser compreendida como um processo de procedimentos e de ações que dão forma (P.5, 2022).
- Conhecimento específico na área que atua. E o preparo do professor para a educação básica (P.6, 2022).
- Educar para a vida (P.7, 2022).
- Esta pergunta é bem complexa, porque cada pessoa é singular... depende do meio em que cada uma está inserida, e por conta disso a escola tem enfrentado novos desafios e condições adversas (P.8, 2022).
- Como uma renovação do conhecimento para a prática pedagógica (P.9, 2022).
- Como o aperfeiçoamento contínuo até o final da vida (P.10, 2022).

Aquisição e transformação das experiências. Sentido dado a informação (P.11, 2022).

Podemos destacar um conjunto de compreensões dos professores a respeito de formação: como sendo o amadurecimento profissional, o conhecimento que concebido enquanto uma pessoa que atua na sociedade, são as ações educativas vivenciadas pelos professores, um processo educativo que é construído no dia a dia da vida cotidiana.

Observamos que os professores têm diferentes visões de mundo sobre o que seja a formação. Assim, Nóvoa (1995, p.25) ajuda a salientar nossa afirmação no parágrafo anterior, pois para ele: “[...] a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re) construção permanente de uma identidade pessoal”. Logo há um imbricamento direto entre saber e experiência na construção do sentido da formação.

E quando se trata da formação docente de quem trabalha com a EJA é fundante uma formação dialógica e reflexiva e crítica, validando os saberes construídos socialmente pelos sujeitos. Assim corroboramos com Dantas (2008, p. 124) quando ela afirma que “[...] é revelador da necessidade de uma atualização, da busca de níveis de conhecimentos mais elaborados e mais consistentes, da aquisição de competências básicas para atuar com jovens e adultos no que se refere aos professores de EJA”.

Outro elemento importante sobre a formação docente pode ser constatado quando perguntamos: o que os docentes consideram mais importante na formação docente. Eles foram unânimes em dizer que se tratava da “reflexão da prática, do encontro, da troca”. Mesmo não dando sentido ao conceito de formação atrelado à criticidade, à reflexão e ao diálogo, eles entendem que é fundante para a sua formação, a reflexão. Representamos as falas dos professores na figura abaixo.

A garantia de uma formação docente continuada no âmbito da escola pode possibilitar, ali mesmo, troca de experiências e de práticas que contribuam para melhoria do ensino. Neste processo, é muito importante garantir os espaços democráticos, para que os professores possam exercer o encontro de si mesmos e do outro, na construção de sentidos para a valorização da subjetividade dos sujeitos, reconhecendo o lugar da experiência e da vivência dos mesmos como sendo elementos que vão sendo construídos nessa relação entre sujeito e sociedade. Neste processo construtivo há lugar para explorar os desejos, os princípios, o pensamento etc. Tudo isso, a fim de que sejam materializadas as experiências realizadas pelo sujeito no intuito de atingir a uma construção no âmbito coletivo.

Salientamos que a formação docente continuada é uma das possibilidades para promover o reconhecimento e a validação das experiências de si, pois pode contribuir para que os sujeitos professores da Educação de Jovens e Adultos possam acessar outras interfaces de reflexividade crítica, para repensarem a sua prática docente, podendo fazer uso das tecnologias da informação e comunicação como interface de quem cria canal entre a escola e vida social, atendendo as demandas da contemporaneidade.

Quanto aos entrelaços e interfaces da difusão do conhecimento na formação docente se dará sempre por meio do diário de saberes (memória da prática), reflexão sobre esses diários, contrapondo com uma fundamentação teórica e validação dessas experiências, por meio da sua difusão em congressos, seminários, jornadas pedagógicas e publicação em revistas, livros e anais.

Portanto, temos a clareza de que a pesquisa conseguiu responder ao problema e aos objetivos que instigaram esta investigação e seus objetivos. Por isso, recomendamos que a escola garanta e implemente espaços e tempos coletivos no currículo, para o aprofundamento da formação continuada, tendo como princípios basilares: o diálogo, a reflexão crítica, a escuta sensível, a troca de experiências e o uso das Tecnologias da informação e comunicação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Antonio. **Escola da contemporaneidade**: sua organização social, complexidade e pluralidade. Salvador: EDUFBA, 2020.

DANTAS, Tânia Regina. Práticas de formação em EJA e narrativas autobiográficas de professores de adultos. In **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**. Salvador, UNEB, v. 17, nº 29, 2008, jan./jun. p.119-136, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999b.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

PRETTO, Nelson de Luca. Cultura digital e educação: redes já! In PRETO, N e SILVEIRA, S. A. (org). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador, Edufba, 2008. Disponível em: <http://rn.softwarelivre.org/alem das redes/2008/08/26/lancado-e-disponibilizado-o-livro-do-alem-das-redes-de-colaboracao/>. Acessado em 27/04/2022.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Profissão professor**. Lisboa: Porto, 1995

MANSANO, Sonia Regina Vargas. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Editora Porto, 2000.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2), 110-117, 2009.

MANSANO. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2), 110-117, 2009.

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Lisboa: Porto, 1995.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Editora Porto, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2008.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, v.1, n.4, p.31-55, 1991.

Dados dos autores

Amilton Alves de Souza

Doutorando do Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - DMMDC – Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: amiltonalvess@hotmail.com

Antonio Amorim

Doutor em Psicologia – Universidade de Barcelona – Espanha. Pós-Doutorado em Difusão do conhecimento pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: antonioamorim52@gmail.com.

Neide Maria Ferreira Lopes

Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: nflopes@uneb.br